



## AS PEQUENAS CIDADES E O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA

SALMERON, Lucas da Silva<sup>1</sup>; ENDLICH, Angela Maria<sup>2</sup>

### RESUMO

As reflexões sobre as pequenas cidades enquanto objeto de estudo tem crescido nos últimos, evidenciando que estas realidades também possuem papéis e funções específicas que merecem a atenção dos pesquisadores. Como tal, é também necessário pensar as pequenas cidades no âmbito da Geografia escolar, já que estas cidades não estão isoladas dos processos e fenômenos da rede urbana como um todo. Logo, o objetivo deste artigo é debater a necessidade da inserção das pequenas cidades nas aulas de Geografia, destacando a relevância do estudo da escala local e o potencial formativo desta temática para uma formação para a cidadania. Trata-se de reflexões teóricas nas quais serão apresentadas algumas possibilidades metodológicas para o trabalho com a escala local, visando demonstrar algumas das estratégias didáticas que podem ser utilizadas para o trabalho pedagógico com esta temática enquanto conteúdo escolar. Destaca-se a necessidade de um olhar geográfico para as pequenas cidades, no qual o estudo da realidade local é cada vez mais imperativo no meio escolar.

**Palavras chave:** Pequenas cidades. Geografia escolar. Ensino de Geografia.

## SMALL CITIES AND THE GEOGRAPHY TEACHING: A NECESSARY APPROACH

### ABSTRACT

Reflections about on small cities as an object of study have grown in recent years, evidencing that these realities also have specific roles and functions that deserve the attention of researchers. As such, it is also necessary to think the small towns within the scope of school geography, since these cities are not isolated from the processes and phenomena of the urban network as a whole. Therefore, the purpose of this article is to discuss the need for the insertion of small towns in Geography classes, highlighting the relevance of the study of the local scale and the formative potential of this theme for the training for citizenship. It is an article of theoretical reflections on which some methodological possibilities for the study of the local scale will be presented, aiming to demonstrate some of the didactic strategies that can be used for the pedagogical work with this theme as a school topic. It is important a geographic look to the small cities, in which the study of the local reality is increasingly imperative in the school environment.

**.Keywords:** Small cities. School Geography. Geography teaching.

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia e doutorando pela Universidade Estadual de Maringá. Email: [lucas\\_salmeron@hotmail.com.br](mailto:lucas_salmeron@hotmail.com.br).  
<https://orcid.org/0000-0003-0966-1481>.

<sup>2</sup> Doutora em Geografia e professora da Universidade Estadual de Maringá. Email: [amendlich@hotmail.com](mailto:amendlich@hotmail.com).  
<https://orcid.org/0000-0001-5203-582>.

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, nota-se que houve um crescimento no número de trabalhos e investigações que abordam as pequenas cidades enquanto objeto de pesquisa no contexto científico e acadêmico. Contudo, este é um fenômeno recente, e nem sempre estas localidades se constituíram uma preocupação dos pesquisadores.

Como é ressaltado por Fresca (2010), só muito recentemente os pesquisadores das diferentes áreas do saber “redescobriram” as pequenas cidades e passaram então a se dedicar ao estudo de sua importância, significados e de suas representações sociais, econômicas e culturais no conjunto da urbanização brasileira. Certamente não se trata de ignorar ou desconsiderar a importância das metrópoles ou das grandes cidades no contexto acadêmico, mas ainda é preciso ampliar os debates que se referem às pequenas localidades que, por muito tempo, permaneceram secundarizadas no meio científico, assim como podem também passar despercebidas no processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, nos últimos anos notou-se uma expansão dos estudos sobre as pequenas cidades, como evidenciado por Fresca (2010), contudo, pouco ainda se fala sobre como estas podem ser abordadas nas salas de aula, em especial no ensino de Geografia que lida com temáticas como a urbanização, as relações campo e cidade, a rede urbana e uma diversidade de temáticas que podem (e devem) estar associadas a realidades dos estudantes.

As pequenas cidades também possuem papéis, funções e estão inseridas na rede urbana, e como tal, também precisam ser pensadas e analisadas neste conjunto. Além disso, estes espaços também são lugares de vivências, experiências e de laços afetivos que seus moradores ali criam e recriam no cotidiano. Logo, isso também deve ser abordado no processo de ensino e aprendizagem, pois se queremos que os alunos conheçam o mundo, eles precisam reconhecer a realidade urbana brasileira como um todo, e não apenas as grandes metrópoles nacionais ou globais. E para aqueles alunos que habitam nas pequenas cidades brasileiras, conhecer geograficamente a realidade que o cerca e os elementos que a compõem é essencial para a formação do educando.

Neste sentido, o presente artigo visa debater a relevância de abordar a compreensão das pequenas cidades no meio escolar, sobretudo no que se refere ao ensino de Geografia. Objetiva-se, ainda, apresentar algumas das possibilidades metodológicas que o professor pode utilizar para o trabalho com estas localidades. O texto refere-se a um conjunto de reflexões teóricas para ponderar sobre a temática em questão, de modo a discutir como esta parcela da rede urbana muitas

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

vezes passa despercebida aos olhos dos pesquisadores e também dos docentes nas salas de aula, e assim, nesta perspectiva, analisar possíveis caminhos teóricos e metodológicos para a inserção das pequenas cidades no âmbito da Geografia escolar.

Em um primeiro momento será realizada uma discussão teórica sobre as pequenas cidades, destacando a inserção ou a não inserção destas no ensino de Geografia. Posteriormente, será ressaltado a pertinência do estudo da escala local no ensino, e, por fim, algumas das possibilidades didáticas e metodológicas para inserir este estudo do espaço local, e mais especificamente das pequenas cidades, no ensino da Geografia escolar.

## **2. AS PEQUENAS CIDADES E O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Como destacado na parte introdutória do presente artigo, apenas muito recentemente que a atenção pelo estudo das pequenas localidades cresceu no meio acadêmico. Os autores Bell e Jayne (2009) constatam que as pesquisas sobre a questão urbana têm sido irregulares e dominada por estudos a respeito das grandes cidades. Os autores destacam que as pequenas cidades foram ignoradas pelos próprios teóricos urbanos que, ao tentarem conceituar amplas agendas urbanas e ao enfatizarem temáticas como a estrutura e natureza da hierarquia urbana, as cidades globais, as cidades-regiões globais, etc., tenderam a “obscurecer” os estudos das cidades pequenas.

Contudo, o urbano não é constituído apenas das grandes cidades e metrópoles, mas sim caracterizada pela heterogeneidade, pelas diferentes cidades, funções e fenômenos que ocorrem na rede urbana, e estudar as pequenas cidades permite então ter uma visão mais completa sobre esta rede. Em complemento a este pensamento, Endlich (2006) afirma:

Não contemplar as pequenas cidades é esquecer uma parte da realidade urbana. Não se deixa apenas de estudar uma parte concreta da espacialidade brasileira, como também esta falta de estudo compromete uma compreensão mais ampla da rede urbana, até mesmo das questões tratadas no domínio dos centros urbanos maiores, bem como das possibilidades de intervenção (ENDLICH, 2006, p. 31).

É preciso também, nesta direção, que as pequenas cidades sejam objeto de discussão nas salas de aula, principalmente nos pequenos municípios em que se sabe que grande parte dos alunos habitam, já que maior parte da realidade urbana brasileira é composta pelas cidades pequenas. Como corrobora Moreira Junior (2016), o último censo revelou que 84% da população brasileira

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

viviam em áreas urbanas. Não obstante, dos 5.565 municípios existentes, 2.513 deles registraram população inferior a 10 mil habitantes, e outros 2.444 possuíam população entre 10 mil e 50 mil. Sendo assim, percebe-se que do total dos municípios brasileiros, 4.958 apresentaram população inferior a 50 mil habitantes, ou seja, aproximadamente 34% da população total do país, enquanto os 38 municípios mais populosos (com mais de 500 mil habitantes) abrigavam 29% do total. E apesar do expressivo número de pequenas cidades no país, em muitos casos, estas não são estudadas com maior ênfase ou mesmo não possuem materiais didáticos/pedagógicos que ajudem professores e alunos na compreensão do seu espaço local.

Parte-se do pressuposto de que a cidade pode ser educativa, de modo a desempenhar um papel fundamental na formação de uma consciência espacial e cidadã dos estudantes da Educação Básica. Pensar as cidades sob tal perspectiva reafirma então a possibilidade de se trabalhar concretamente a cidade enquanto conteúdo geográfico, de forma a contribuir para a compreensão da espacialidade contemporânea. Além disso, estudar as cidades é também abordar o estudo dos conceitos basilares da ciência geográfica, como os de paisagem, lugar e território, reforçando uma aprendizagem significativa dos educandos (CAVALCANTI, 2013).

Portanto, é fato que existe uma preocupação com o urbano, tanto nas pesquisas acadêmicas como nos próprios currículos e planejamentos escolares. Contudo, tal preocupação, como aponta Fernandes (2018), precisa ser com o urbano em sua totalidade, não excluindo as pequenas cidades no debate, especialmente a partir dos papéis desempenhados por estas e de sua inserção na rede urbana, e, neste raciocínio, também é fundamental a inserção destas no debate no meio escolar.

Como destaca Moreira Junior (2016), as cidades médias, pequenas, ribeirinhas, antigas, entre outras realidades urbanas, fazem parte do quadro urbano nacional, e sua diversidade urbana é múltipla e complexa. Todas elas trazem experiências diversificadas para os alunos. Sendo assim, por que não as utilizar também para aprender e ensinar Geografia nas escolas?

É preciso destacar que o estudo destas grandes cidades também é significativo no ensino da Geografia escolar, e como tal, não deve ser descartado pelos professores. Todavia, tão importante como abordar as grandes cidades enquanto conteúdo nas aulas, é também considerar as pequenas localidades no processo de ensino-aprendizagem, pois estas carregam suas especificidades, suas características, e também participam econômico, social e politicamente da rede urbana, além de ser um lugar de vivência, relações e afetividade para grande parte da população.

Mas quando se trata do estudo destas realidades, aqui enfatizando o caso da educação escolar, nem sempre esta significativa parcela da rede urbana tem suas discussões amparadas pelos

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

currículos escolares, livros didáticos e documentos que norteiam o ensino. Estas são algumas das hipóteses levantadas, mas que demandam estudos de maior profundidade sobre a temática, exigindo pesquisas e levantamentos nas escolas do país e instrumentos de coleta de dados que permitam analisar as percepções de alunos e professores acerca desse assunto, especialmente daqueles que habitam nestas localidades.

Em relação aos livros didáticos, os autores Lima e Thomaz (2008, p. 9) afirmam que “Poucos são os livros de Geografia do Ensino Médio que disponibilizam atividades relacionadas ao estudo do município, como também é pequeno o número de livros que tratam especificamente desse assunto”. A ausência de material para o trabalho com esta temática é um dos principais pontos a serem levantados.

No entanto, como também destacam os autores, os livros didáticos são distribuídos em nível nacional, sendo impossível um livro abordar as especificidades dos mais de cinco mil municípios brasileiros. Porém, é indispensável que estes materiais, apesar de trabalharem com escalas geográficas mais amplas, como a nível global ou nacional, que abordem também a importância do trabalho com a escala local, indicando algumas das possibilidades desta abordagem no livro didático, e, certamente, cabendo também ao professor fazer as necessárias ligações entre os conteúdos e viabilizando este tipo de estudo.

Como é ressaltado por Copati (2017), ainda existem muitas lacunas nos livros didáticos ao não se abordar determinados temas, de modo a preservar um “padrão” destes materiais que obedecem a uma lógica mercadológica. Assim prossegue a autora:

Atualmente, embora muito já se tenha progredido a fim de tornar os livros didáticos mais coerentes à aprendizagem escolar, é necessário que se avance na qualidade e atualização de conteúdos, conceitos, informações e no atendimento à formação cidadã, visto que, mesmo com progressos principalmente na última década, há ainda certa resistência na adequação de determinados temas nos materiais didáticos (COPATI, 2017, 78).

A autora chama atenção a este importante ponto de atualizar estes materiais com determinados temas e conceitos que precisam ser colocados em discussão, e que, neste sentido, precisa ser compreendido para além das possibilidades que estes materiais disponibilizam, mas que se deve considerar também o modo como os professores estabelecem vínculos com estes no cotidiano (COPATI, 2017).

Nas palavras de Rauber e Tonini (2014, p. 02) “Estudar a realidade que nos cerca é perceber o que está acontecendo como sujeitos no e com o mundo”. Portanto, é indispensável a inter-relação

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

entre as diferentes escalas geográficas, estabelecendo as devidas conexões entre o global e o local, pensando como os fenômenos de diferentes escalas afetam o espaço das localidades em que os educandos habitam por exemplo, e como estas também se relacionam as demais escalas espaciais.

Partindo do pressuposto de que, não adquirimos o conhecimento e sim construímos, a partir das interações com o outro e da experiência, percebe-se dificuldades encontradas nos livros didáticos de Geografia. Uma delas é disposição abstrata dos conceitos, a partir de conteúdos que obedecem muitas vezes a uma única escala espacial. Este, talvez seja um dos maiores problemas relacionados à sequência dos livros didáticos de Geografia, que preveem um caminho uniforme. Ao mesmo tempo seguem uma escala espacial, que nos dias atuais, precisa ser pensada através de relações complexas: entre o espaço local e global, intimamente ligados (RAUBER; TONINI, 2014, p. 06).

Neste sentido, é fundamental o papel do professor para estabelecer as devidas conexões entre estas escalas, de modo a relacionar a escala local e a realidade dos alunos com os conteúdos a serem trabalhados. Uma vez que os livros didáticos não abordam em maior profundidade as discussões referentes a estas diferentes realidades, cabe então ao docente, enquanto sujeito conhecedor da realidade da escola em que atua, buscar meios que permitam então fazer estas relações entre os conteúdos dos livros didáticos com o espaço próximo, permitindo que o educando aproxime estas temáticas com seu cotidiano, e que consiga então a construção de conhecimentos que os permitam ler e compreender o espaço a sua volta.

Portanto, também é *mister* que estes debates se façam presentes na formação escolar dos estudantes, e aí a educação geográfica pode desempenhar um papel fundamental. A Geografia, enquanto disciplina presente nos currículos escolares, possui uma grande contribuição para o desenvolvimento de um raciocínio geográfico nos educandos, ou seja, é capaz de permitir os sujeitos lerem e interpretarem o mundo e a realidade, de forma a construir uma consciência espacial e cidadã sobre e no espaço.

A Educação Geográfica seria um processo capaz de contribuir para a codificação e decodificação do mundo pelo aluno, ou seja, para que este construa uma interpretação da espacialidade e das coisas enquanto consciência da possibilidade de intervenção no espaço. Sendo assim, pertencer a um espaço e nele ser cidadão implica que o indivíduo saiba pensar o espaço no qual ele vive suas experiências (NOGUEIRA; CARNEIRO, 2013). É neste caminho, portanto, que se pode pensar no potencial do estudo da realidade das pequenas cidades enquanto uma forma de pensa-las geograficamente, ou seja, exercer o raciocínio geográfico e espacial.

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

Gonçalves (2005), ao procurar demonstrar a importância de compreender a realidade das pequenas cidades, afirma que:

[...] mesmo diante da inúmera quantidade de cidades pequenas, cada uma é um caso específico. Apesar das semelhanças existentes – no que diz respeito ao modelo de desenvolvimento adotado, até às feições paisagísticas, entre outros aspectos – a dinâmica socioeconômica de cada cidade é um caso particular, que a difere das demais” (GONÇALVES, 2005, p. 37).

De tal modo, cada pequena cidade brasileira possui suas próprias especificidades que precisam ser abordadas e destacadas pelos professores nas salas de aula. Estudar a própria cidade, por exemplo, é conhecer, em profundidade, o espaço em que cada aluno habita e que se relaciona diariamente. Conhecer a sua realidade e as relações que ali acontecem é de suma importância para o educando, tanto para sua formação como para a sua construção enquanto um sujeito cidadão. A próximo tópico, assim, objetiva apresentar a importância de se estudar o local nas aulas de Geografia, e como isso pode contribuir para a formação do aluno enquanto cidadão.

### **3. AS POTENCIALIDADES DO ESTUDO DA ESCALA LOCAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Estudar as cidades é uma forma do aluno poder conhecer de forma crítica, por meio de um olhar geográfico, a própria realidade no qual está inserido. Contudo, tal estudo precisa ser realizado de forma integrada, sempre fazendo a devida relação entre as diferentes escalas geográficas de análise, de forma que não se estude o local apenas pelo local em si, mas em suas interações com a rede urbana como um todo.

No entanto, nem sempre a escala local é levada para dentro das salas de aula, que, como já mencionado anteriormente, em muitos casos não existem materiais didáticos presentes na realidade escolar que falem sobre as cidades que os educandos habitam, ou mesmo a dificuldade que os professores possuem em trabalhar com os aspectos do local, já que quase nada se falava desta escala em suas formações enquanto docentes.

De um processo tradicional de repasse de informações, o professor de geografia tem a tarefa de construir conhecimentos que sejam interessantes aos estudantes, de maneira que estes se sintam convidados a participar desse processo. Tarefa difícil? Certamente nos exige muito diante de um contexto complexo e dinâmico em que temos disponível o acesso a diferentes recursos (COPATI, 2017, p. 83).

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

Como ressaltado pela autora, não se trata de uma tarefa fácil, já que a construção destes conhecimentos, que envolve interligar os conhecimentos referentes à realidade do educando e os conhecimentos científicos, ou neste caso em específico um saber geográfico, é uma tarefa complexa, e isso certamente passa por (re)pensar a formação do docente.

Uma formação sólida do professor de Geografia é necessária, já que envolve a autonomia docente para estabelecer as conexões entre estes diferentes saberes. Como mencionado no tópico anterior, o livro didático, muitas vezes único material disponível para este trabalho, não aborda estas especificidades, que exigem então do professor criar meios de fazer estas ligações e conduzir o processo de ensino e aprendizagem.

Como corroboram Rauber e Tonini (2014, p. 13), “[...] ao contextualizar e problematizar os conteúdos, os alunos passam a significar-se e ampliam as possibilidades de aprendizagem [...]”. Não se trata, pois, de um processo mecânico de aprendizagem, baseado apenas em exercícios, cópias de textos ou da memorização de determinados conteúdos, mas sim da aprendizagem destes de modo que a temática trabalhada tenha significado para o aluno, que ele consiga se apropriar daquele conhecimento, não apenas para uma prova que realizará para a obtenção da sua nota, mas que este conhecimento seja utilizado de forma crítica também fora das paredes da sala de aula. Afinal, trata-se do objetivo de formar um sujeito cidadão, consciente de seu papel na transformação do espaço.

Se apropriar de um conhecimento crítico exige então entender como aqueles conteúdos trabalhados nas aulas de geografia podem fazer parte do cotidiano fora das escolas. Porém Callai (2004) alerta que em nossas vidas muitas vezes sabemos coisas que acontecem no mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos. Neste raciocínio:

Muito se fala que partir da realidade mais próxima é mais conveniente para a aprendizagem, porém muitas vezes força-se uma relação de fora, o que torna tudo muito superficial e até cheio de equívocos. O aluno é um ser histórico que traz consigo e em si uma história, e um conhecimento adquirido na sua própria vivência. O desafio é fazer a partir daí a ampliação e o aprofundamento do conhecimento do seu espaço, do lugar em que vive, relacionando-o com outros espaços mais distantes e até diferentes (CALLAI, 2001, p. 136).

Como colocado pela autora na citação acima, fazer o estudo desta realidade é um desafio, pois não se trata de estudar o local com base no senso comum, mas sim aproveitar deste olhar empírico que os educandos levam para dentro da escola para se chegar a um conhecimento mais

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

elaborado, geográfico diríamos, no caso específico da Geografia escolar.

Os autores Lima e Thomaz (2011) apontam que se falta conhecimento dos estudantes no que se refere à geografia da escala local, é também uma verdade que parte dos professores também o desconhecem, pois com a globalização a Geografia do lugar perdeu importância, já que o mundo está “dentro de casa” através dos vários meios de comunicação e muitas vezes as grandes manchetes tornam-se mais importantes no contexto escolar do que as questões locais.

Cabe destacar que o estudo de acontecimentos e fenômenos nas demais escalas geográficas não são menos importantes, pelo contrário, também fazem parte da educação geográfica e devem ser trabalhadas pelos professores. Não obstante, é preciso sempre pensar na relação entre estas diferentes escalas geográficas ao se abordar qualquer conteúdo nas aulas, de forma a mostrar aos estudantes como acontecimentos distantes impactam na sua realidade mais específica, ou mesmo como acontecimentos da sua realidade local também se fazem presentes em outros lugares.

Lima e Thomaz (2011) ainda destacam que um outro fator contribui para essa falta de informação sobre a própria realidade: nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio as temáticas que estão organizados nos livros didáticos abordam conteúdos menos específicos (ou de maior generalidade), ou seja, trata sobre as regiões, continentes, países e, raramente, os estados.

Portanto, o mundo da vida precisa adentrar a escola, para que esta também que consiga acolher os alunos e possa lhes dar condições de realizarem a sua formação, de desenvolver um senso crítico, e ampliar as suas visões de mundo (CALLAI, 2004). É importante neste ponto também corroborar a importância que o estudo do local possui para a formação do sujeito enquanto cidadão, já que se trata mostrar ao aluno que ele também é um indivíduo partícipe da construção do seu espaço.

Além disso, soma-se a importância de uma sólida formação do professor de Geografia, que deve estar preparado para levar estas questões até aqui já elencadas para as salas de aulas. Estas questões precisam ser envolvidas pelos docentes da disciplina, adequando ao contexto da realidade do educando e sempre suas necessidades, que não são únicas a todas as escolas, ou a todas as turmas de uma mesma escola ou mesmo de cada discente.

Como Callai (2001) afirma, é preciso conhecer o meio em que se vive, exercitar a crítica sobre o que acontece nesta localidade e reconhecer as possibilidades alternativas para os objetivos que se quer alcançar. Os conteúdos geográficos, tais como o estudo do mundo, das configurações territoriais, da organização do espaço e da sua apropriação pelos diversos povos, os interesses políticos e as formas de tratar a natureza, se põem então como conteúdos que permitem uma

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

educação para a cidadania. Esta seria o comprometimento com a construção de uma sociedade melhor, conhecendo a realidade e assim compreendendo os mecanismos que a sociedade utiliza, reconhecendo no território a sua história e as possibilidades de mudança. Ainda na visão da autora:

A relação do indivíduo com o seu meio, a compreensão do espaço construído no cotidiano, os microespaços que são os territórios do indivíduo, da família, da escola, dos amigos, devem ser incorporados aos conteúdos formais que as listas de Geografia contém. Estes aspectos poderão permitir que se faça a ligação da vida real concreta com as demais informações e análises (CALLAI, 2001, 141).

Pensando então no caso do estudo do urbano, é preciso debater o ensino da cidade de modo que o discente possa compreender, por meio do exercício de um raciocínio geográfico, o lugar em que vive e que se estabelece as relações do cotidiano. Portanto, utilizando-se do referencial teórico e metodológicos da Geografia, mediada pelo trabalho docente, é preciso pensar em uma educação geográfica e voltada para a formação cidadã.

Aliás, este encontro entre a vida real, concreta, com o conhecimento científico, ou melhor, geográfico, se torna fundamental para avançar neste aprendizado. Além disso, é de suma importância pensar nas conexões entre os conteúdos e a dimensão pedagógica. Logo, se trata de pensar como associar o real, o vivido, com os saberes escolares, bem como de que forma isso pode ser trabalhado enquanto conteúdo nas aulas de Geografia, e, conseqüentemente, de que forma estes conteúdos podem ser abordados. Neste sentido, o próximo tópico destaca algumas metodologias e estratégias didáticas que podem ser utilizados para este tipo de trabalho.

#### **4 AS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO COM AS PEQUENAS CIDADES**

Fica evidente até o presente momento deste artigo que em muitos casos há uma lacuna sobre o estudo da escala local nas aulas de Geografia, e em específico das pequenas cidades brasileiras, já que não é possível contemplar todos os 5.570 municípios nos livros didáticos, ou mesmo pouco se fala sobre esta escala geográfica nestes materiais, além do fato de que muitas vezes não existe nenhum outro material disponível nestas localidades que tratem sobre seu espaço de vivência.

SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. *As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária*. *Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

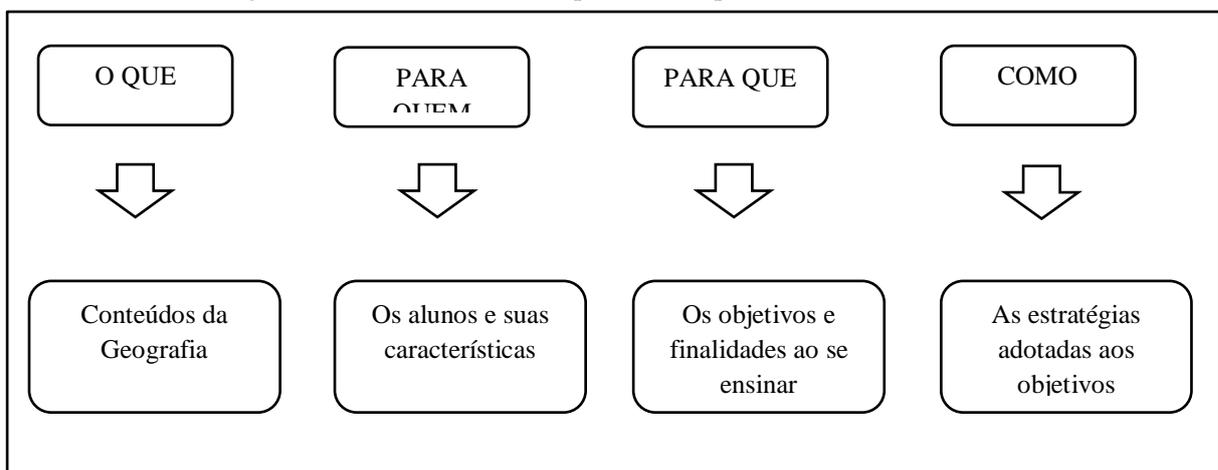
Portanto, surge então a necessidade de se repensar as práticas docentes em sala de aula, para que se possa assim levar o estudo das pequenas cidades para as aulas de Geografia. Mas de que modo contemplar esta realidade local no ensino de Geografia?

É preciso, portanto, que o professor se desafie a proponha-se a ir além dos conteúdos que estão colocados nos livros didáticos e nos planejamentos escolares, e isso certamente exige pesquisas, ideias e diferentes práticas que os docentes podem vir a adotar. Contudo, não existe uma “receita” pronta e acabada que irá nortear a prática docente para este tipo de estudo. Como bem colocam Callai e Moraes (2017), uma proposição para fazer esta educação geográfica acontecer se apoia em considerar o quê, para quem; para quê e como.

Considerar O QUE se refere aos conteúdos que são específicos da Geografia, seja a ciência, ou a geografia escolar, pois são eles os balizadores no sentido do que cabem ser abordado e aprendido na escola. Já o PARA QUEM remete a quem são os alunos, onde e como vivem, ou mesmo qual o contexto das suas vidas, seja no conhecimento do lugar em que vivem, considerando toda a complexidade deste, seja na dimensão de quem são esses sujeitos enquanto grupo social.

Já a dimensão do PARA QUE diz respeito à motivação que se pretende ter ao ensinar a Geografia na escola. Mas para realizar uma aprendizagem significativa que responda a essas demandas é importante considerar e respeitar o conhecimento que os alunos trazem a partir de seus conceitos espontâneos, para assim então buscar de construção dos conceitos científicos. E por fim, o COMO são então as estratégias em que se pode apoiar a busca dos objetivos para alcançar a efetividade do ensino da Geografia, com vistas aos outros três elementos aqui brevemente citados. A figura abaixo sintetiza as ideias acima explicitadas:

**Figura 01** - Síntese das ideias apresentadas por Callai e Moraes (2017).



Org: Lucas da Silva Salmeron, 2021.

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

A respeito desta última dimensão em específica, o COMO, é possível destacar que existem diversas metodologias e diferentes formas de se trabalhar com cada um dos conteúdos geográficos, e isso exige então que o professor pense sobre as melhores práticas que podem ser adotadas para determinada turma e num determinado momento, pois nem toda metodologia pode ter êxito no momento de ser aplicada nas salas de aula, e nem todos os alunos reagirão da mesma forma para cada atividade proposta. Por conta disso que este “como” executar estas práticas, estão intimamente relacionadas ao “o que”, “para que” e “para quem”, sendo importante pensar em todas estas dimensões ao se propor o estudo de qualquer um dos conteúdos e temáticas da Geografia escolar.

Lima e Thomaz (2011) apontam algumas metodologias que poderiam ser utilizadas para este estudo da escala local, e aqui reforçamos que são possíveis práticas a serem empregadas ao se estudar as pequenas cidades. Porém, são diversas e variadas as atividades que podem ser desenvolvidas, e que devem ser eleitas conforme critério do professor, e justamente por isso, o planejamento prévio é de suma importância neste processo.

A primeira metodologia destacada é a da aula de campo, que se trata de um encaminhamento extremamente útil para as aulas de Geografia. Os autores destacam que como o estudo do município enfoca espaço próximo do aluno, a saída a campo se torna bastante viável. A aula de campo pode ser tanto uma visita aos principais pontos da cidade ou do município como um todo, ou mesmo uma aula em torno do quarteirão da escola para reconhecer as espécies de árvores existentes nesse espaço, por exemplo.

Destaca-se ainda que as diferentes metodologias a serem adotadas pelos professores permitem também eu se aborde os principais conceitos geográficos. No caso das aulas de campo, por exemplo, o docente pode explorar em maior profundidade o conceito de paisagem, no qual o docente pode trabalhar com aquilo que os educandos veem, sentem, ouvem e assim por diante quando estão analisando determinado local ou fenômeno. Ao se trabalhar com a cidade e a realidade local dos alunos, o conceito de lugar também pode assumir centralidade em uma aula de campo.

Todavia, é importante lembrar que o docente deve ter o cuidado necessário para que a aula não seja um simples passeio. A saída dos alunos da sala de aula deve ter objetivos claros, e a análise dos conteúdos abordados deve ser explicada agora sob o ponto de vista científico, e não mais pelo senso comum. Não interessa, portanto, a simples enumeração de fatos observados, mas uma análise mais profunda e geográfica sobre os mesmos (LIMA; THOMAZ, 2011).

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

A confecção de maquetes também se mostra como uma possibilidade viável, em que, no geral, os alunos participam com maior intensidade deste tipo de atividade, como destacam os autores. Através da maquete o aluno tem então uma visão tridimensional de aspectos relevantes da Geografia, diferentemente de analisar apenas as formas planas do que se deseja representar. Trata-se de uma representação para a qual é preciso antes uma atenta observação. Portanto, não só o resultado, mas o processo de elaboração possibilitará o estímulo a reflexão acerca da realidade.

A maquete pode representar uma região, uma cidade, um bairro, a escola, ou seja, existem diferentes modos de se representar a realidade por meio de um modelo tridimensional. Além disso, toda etapa de confecção de uma maquete envolverá diretamente o estudo cartográfico da realidade a ser representada, no qual o professor poderá enfatizar então a importância da cartografia neste tipo de atividade.

Os autores destacam ainda as entrevistas enquanto uma possibilidade de atividade a ser desenvolvida ao se estudar aspectos da escala local, pois pode ser de fácil aplicação e apresentar resultados que permitem uma ampla análise do que se pretende estudar.

Lima e Thomaz (2011, p. 11) utilizam de um exemplo de atividade com as entrevistas: “[...] se o conteúdo que está sendo trabalhado no momento é espaço cultural, pode-se entrevistar moradores mais antigos da cidade para que descrevam as transformações que o espaço do município vem passando”. Acrescentamos que assim como o exemplo de entrevistas com moradores mais antigos da cidade, diversas outras possibilidades poderiam ser realizadas, desde que tal atividade aconteça com a devida orientação de um professor, pois uma entrevista não é um simples rol de perguntas a serem feitas para quem se deseja entrevistar, mas deve ir além e ter objetivos claros e concisos.

As pesquisas em dados e estatísticas sobre o espaço em que os educandos habitam também é uma atividade de grande contribuição. Por meio destas, uma série de informações sobre estas localidades podem ser reveladas, mas cabe ressaltar que os dados por si só não nos revelam nada, e por isso é importante a análise destes junto aos alunos. Por exemplo: ao realizar junto aos alunos a pesquisa de dados demográficos sobre o município em que habitam, o professor deve mostrar aos mesmos o que esta série de números e estatísticas significam na prática daquela realidade, quais os significados e as implicações destes, como, por exemplo, se os dados desta população denunciam a necessidade da implementação de políticas públicas para uma determinada faixa da população deste município, e assim por diante.

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

Lima e Thomaz (2011) colocam ainda a importância do trabalho com mapas e cartas, que se constituem como ferramentas indispensáveis nas aulas de geografia. A partir dessas ferramentas que o aluno aprende a se localizar espacialmente, tanto na sua rua, no seu bairro, na sua cidade, estado ou mesmo em outras escalas.

Uma atividade simples, mas de grande valia, é colocar o mapa no chão do pátio da escola (orientado corretamente o mapa) e, a partir dele mostrar aos alunos as direções na cidade ou no município. Podemos explorar a direção de alguns pontos de referência da cidade (igreja, hospital...), os limites dos municípios, até a direção da residência de cada aluno (LIMA; THOMAZ, 2011, p. 12).

Acrescentamos aqui a importância que os atlas municipais podem ter neste processo de ensinar pelos mapas, cuja grande contribuição está justamente nesta possibilidade dos educandos compreenderem o seu próprio espaço local, a partir de uma série de mapas e informações sobre o local em que habitam; informações estas que não fazem parte dos livros didáticos que comumente adotam escalas mais amplas para análises ou de demais materiais utilizados no dia a dia das aulas. Assim, o conceito de lugar ganha uma importante conotação ao se utilizar de um material como este, que aborda as especificidades locais de um determinado município ou de um conjunto destes.

Como apontam Bueno e Buque (2015), os atlas escolares municipais se constituem enquanto materiais didáticos interessantes no ensino de Geografia na medida em que localizam, representam e contribuem na leitura e na análise espacial de lugares distintos. Além disso, constitui-se em uma das formas para viabilizar a apresentação e o uso de mapas no ensino, principalmente a partir de uma perspectiva da leitura do espaço local. Ainda na visão destes autores:

O atlas escolar municipal difere de outros livros didáticos quando leva ao aluno conhecimentos que ele aprendeu precariamente na família ou mesmo na escola, os chamados conhecimentos prévios. Dessa maneira, ao folhear as páginas do atlas, o aluno vai se reconhecendo no contexto do seu cotidiano. É a praça onde ele costuma jogar bola com os colegas no final da tarde; o rio que passa pelo centro da cidade e está bastante poluído; o município vizinho, onde ele vai aos finais de semana visitar seus avós, enfim, isso aguça a sua vontade de conhecer o restante do lugar onde mora, o que acontece de forma agradável e curiosa (BUENO; BUQUE, 2005, p. 101-102).

Neste sentido, a proposta de utilizar dos atlas escolares municipais vem para suprir esta necessidade de um material específico que contemple o local de vivência dos educandos, de modo a levar os mesmos a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que eles vivenciam, como parte da história social. A perspectiva de responder às perguntas “onde” e “por

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

que nesse lugar”, demonstra então a especificidade da Geografia contida nesses materiais, que vai além de simplesmente localização, mas sim buscar a significação dos lugares (SILVA; COMPIANI, 2005).

Porém nem todo município brasileiro possui um atlas municipal que pode ser utilizado no processo de ensino/aprendizagem, e este é o caso de grande parte das pequenas cidades brasileiras. Assim se desponta a possibilidade da construção de um atlas municipal escolar em conjunto com os alunos, enquanto atores partícipes da elaboração deste complexo material, mas que é de grande relevância para a compreensão do seu espaço.

Estas são apenas algumas ideias de metodologias e exercícios que podem vir a ser realizadas junto aos alunos nas aulas de Geografia, ou de outras disciplinas também, já que o estudo do espaço local não é uma responsabilidade apenas da Geografia escolar. Além destas, existem uma série de outras atividades que podem ser desenvolvidas, como a utilização de vídeos e imagens que explorem a localidade que se deseja trabalhar; a elaboração de documentários pelos próprios discentes; o desenho; as imagens aéreas, dentre outras variadas formas de se explorar as pequenas cidades a partir de diferentes perspectivas.

Ressalta-se, ainda, a necessidade da oferta de oficinas pedagógicas na formação continuada dos docentes que tragam questões como estas para o debate. Como citado no decorrer no presente artigo, as pequenas cidades ou o estudo da realidade local muito pouco pode ter sido abordado durante a formação do professor de Geografia. Nos dias de hoje já não cabe mais uma Geografia que estuda os fenômenos globais, mas não os relaciona com os acontecimentos do dia a dia do educando.

Assim, como não se pode mais desconsiderar as numerosas pequenas cidades que compõem a rede urbana brasileira, que em muitos casos não são tratadas nas salas de aula, seja nas aulas daqueles alunos que habitam nessas pequenas localidades ou mesmo no processo de ensino e aprendizado dos discentes das grandes cidades e metrópoles brasileiras. Portanto, uma vez que temáticas como estas nem sempre são abordadas na formação inicial do docente, é preciso que estas comecem a fazer parte dos debates dos professores que estão atuando nas escolas.

Somado a isso, é de suma importância que os docentes que realizam trabalhos nesta vertente, que tratam sobre as pequenas cidades e realidade de seus alunos, também possam sistematizar estes conhecimentos e divulgá-los, seja por meio de artigos, eventos, comunicações e assim por diante; para que assim outros profissionais possam conhecer o que já vem sendo feito e ainda pensar nas possibilidades existentes ao abordar as pequenas cidades enquanto conteúdo

*SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

geográfico, afim de se avançar no debate desta temática que por muito tempo permaneceu secundarizadas nos estudos da Geografia e de outras áreas do saber.

O fundamental, em todo caso, é sempre o professor avaliar como estes encaminhamentos podem ser realizados, qual a realidade e as condições para desenvolver alguma metodologia em específico e sempre ter em mente, com clareza, quais são os objetivos por trás das práticas que deseja adotar, para que assim as estratégias didáticas utilizadas tenham, de fato, significado para os alunos e também para o professor, que não sejam apenas uma atividade cujo fim único e último é a nota final, e não o aprendizado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir, geograficamente, sobre o estudo da realidade local é cada vez mais necessário nas salas de aula nos dias de hoje. Não apenas para que o aluno possa compreender os aspectos da sua localidade em si, mas para compreender quais as relações que se estabelecem entre este seu lugar de vivência com as demais escalas geográficas, bem como para se entender como cidadão deste espaço.

Este estudo do local é válido para toda e qualquer realidade urbana brasileira, mas aqui destacamos a importância de tratar sobre as pequenas cidades, que não são encontradas nos livros didáticos, e muitas vezes carecem de materiais didáticos específicos para abordar as mesmas no meio escolar.

Porém, pensando então nestas lacunas, é que neste artigo buscou-se apresentar algumas possibilidades didáticas e metodológicas para auxiliar os docentes a pensarem em estratégias que podem ser utilizadas na hora de ensinar sobre estes aspectos da realidade local nas aulas.

Fica evidente então a necessidade de um olhar geográfico para as pequenas cidades em seus diferentes aspectos, agora não mais um olhar do senso comum, mas utilizando-se destas vivências dos alunos para um saber mais cientificamente elaborado, analisado sob o prisma da ciência geográfica, mas sempre estabelecendo as relações entre os saberes científicos e a didática da Geografia.

Como é enfatizado por Callai e Moraes (2017), a educação geográfica pode ser o caminho para a educar para a cidadania por meio da Geografia escolar. Logo, deve ser claro que ao se abordar as temáticas aqui colocadas, nunca se deve perder de vista que um dos pilares disso tudo é a

SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. *As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

construção da formação cidadã dos educandos. Trata-se, pois, de permitir que os discentes se entendam como sujeitos que, possuindo seus direitos e seus deveres, participam ativamente da construção do seu espaço.

Reforçamos aqui a ideia de que o estudo da cidade, enfatizando principalmente a realidade das pequenas cidades, enquanto um lugar de vivências e enquanto conteúdo da Geografia escolar, pode se constituir em uma forma de encaminhamento de produção de um conhecimento poderoso que, na singularidade de cada aluno, oportuniza a compreensão do mundo e possibilita uma formação cidadã através do conhecimento. Busca-se, portanto, a formação de um cidadão que consiga reconhecer [...] o mundo em que vive, que se compreenda como indivíduo social capaz de construir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço, e que consiga ter os mecanismos e os instrumentos para tanto” (CALLAI, 2001, p. 134).

## 6. REFERÊNCIAS

BELL, D.; JAYNE, M. Small Cities Towards a Research Agenda. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 33, n. 3, p. 683–699. 2009.

BUENO, Miriam Aparecida; BUQUE, Suzete Lourenço. Cartografia escolar e atlas escolares municipais Brasil/Moçambique: o estudo do espaço local e a formação de professores. **Revista Interface**, Edição nº 10, dezembro de 2015 – p. 96-111. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/interface/article/view/1952>> Acesso em: Set. 2020.

CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria. Educação geográfica, cidadania e cidade. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial, p. 82-100, 2017. Disponível em: <<https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/4771>> Acesso em: Ago. 2020.

\_\_\_\_\_, Helena Copetti. A Geografia e a escola? Muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, nº 16, p. 133-152, 2001. Disponível em: <<http://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/viewFile/353/335>> Acesso em: Ago. 2020.

\_\_\_\_\_, H.C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8, Universidade de Coimbra. **Anais...** Coimbra, 2004, p. 01-10. Disponível em <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>>. Acesso em Set. 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 35, Volume Especial, p. 74-86, 2013. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171/2611>> Acesso em nov. 2019.

SALMERON, L. da S.; ENDLICH, A. M. *As pequenas cidades e o ensino de geografia: uma aproximação necessária. Geomae, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.*

COPATI, Carina. Livro didático de geografia: da produção ao uso em sala de aula. **Élisée, Rev. Geo. UEG**, Porangatu, v.6, n.2, p.74-93, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/6634>> Acesso em: abr. 2021.

ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no Noroeste do Paraná**. 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2006.

FERNANDES, Pedro Henrique Carvenalli. O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades. **Revista Eletrônica Georaguaiá**, Barra do Garças, v.8, n.1, p. 13 - 31. Jan./Jun. 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/6981>> Acesso em Nov. 2019.

FRESCA, Tânia Maria. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator**, Fortaleza, número especial, p. 75 a 81. Dez. 2010. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/398>> Acesso em: Mar. 2020.

GONÇALVES, Francisco Ednardo. **Cidades pequenas, grandes problemas: perfil urbano do Agreste Potiguar**. 2005. 173 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2005.

LIMA, Janete Aparecida de; THOMAZ, Sérgio Luiz. **O estudo do lugar e a formação do aluno cidadão**. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produções didático pedagógica, 2008. Curitiba: SEED/PR., v. 2, 2011. (Caderno PDE). Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_janete\\_aparecida\\_lima.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_janete_aparecida_lima.pdf)> Acesso em: Set. 2020.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. As cidades pequenas como componente curricular para a geografia escolar. **Revista Formação (ONLINE)**, Presidente Prudente, vol. 2, n. 23, p. 20-37. abr/2016. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/download/3956/3350>> Acesso em nov. 2019.

NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **Educação geográfica e formação da consciência espacial-cidadã**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

SILVA, Míriam Aparecida Bueno; COMPIANI, Mauricio. O estudo do lugar e a fundamentação geográfica dos atlas escolares municipais no Brasil. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2005. p. 14616-14626.

RAUBER, Joaquim ; TONINI, Ivaine M. Livro didático de geografia: pensando as aprendizagens. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>> Acesso em: abr. 2021.